

24.02.22

→ 22h00

T

A

G

V

POESIA

# declAMAR

# Poesia

OS SURREALISTAS DO GELO  
(Poemas dos Poetas Frequentadores  
do Café Gelo, no Rossio)



O coletivo declAMAR Poesia, Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado, têm em comum o gosto pela poesia e têm vindo a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

Definido um tema, selecionam autores e poemas, organizam um alinhamento com cinco ou seis rondas e desafiam o público anónimo a aparecer. Todas as sessões representam um estímulo para passar o serão em convívio num ambiente literário informal. No final é lançado um repto aos membros do público, o microfone aberto: uma possibilidade de vencer a timidez e dizer poesia própria ou alheia em palco.

**curadoria e leitura dirigida por** Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm  
**Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos

**Local** Café TAGV **Duração aprox.** 40 min. (leitura dos poemas selecionados) + microfone aberto  
**Entrada** Livre (lotação limitada)

## **Os Surrealistas do Gelo (24/02/2022)**

I

### **VANDA ECM (À memória de Mário Cesariny - António Baraohna)**

No Café Gelo, um grupo de poetas  
demanda o elixir de vida curta,  
de longa morte lenta e absoluta  
e sílabas secretas.

Mesas de mármore, cadeiras sépia;  
eis um café à beira do abismo:  
conversas incendidas, sismo a sismo,  
no desabar da época.

Revolta, ódio, fome, febre atroz:  
no riso pode haver isto e tristeza  
e grande amor do sonho, e da beleza  
a que o grupo dá voz.

Não morreu este grupo: é perene  
seu eco que deixou alto-relevo  
numa parede-mestra, aonde subo  
a pulso e tão solene!

De cima da parede espreito e vejo  
uma mesa ocupada por nós todos:  
assembleia de pássaros ignotos  
em ilhas de desejo.

Vejo o corpo de glória de Lisboa  
reclinado no ombro do Ernesto  
para ler bem o seu ensaio honesto  
dedicado a Pessoa.

Vejo o Herberto a discutir mui louco  
com o Gonçalo Duarte e o D'Assumpção;  
o Forte tem o coração na mão  
esquerda e fala pouco.

Vejo o perfil do Saldanha da Gama,  
o Virgílio em tríptico esboçado,  
Raul Leal, d'Orpheu, Henoch irado  
com lucidez de flama.

Vejo um adolescente que sou eu  
e que aspirava tanto a morrer jovem,  
sentado, entre nós outros, quase à margem  
numa fresta de céu.

Manuel de Castro bebe o seu bagaço,  
João Rodrigues faz desenho à pena  
e Mário Cesariny põe em cena  
a sua luz no espaço.

Passaram para mais de cinquenta anos  
e uma tal luz persiste, não esmorece:  
ilumina a leitura até ao vértice,  
em versos soberanos.

Poeta engalanado de galfarros,  
noctívago andador com pés de jade  
e poesia, amor e liberdade,  
e mais de mil cigarros.

Nas nuvens, que se formam ao redor,  
repousam borboletas d'asas pandas,  
inebriadas pelo fumo às ondas  
e cada vez maior.

Rio de fumo espesso que atravessa  
o jovem mágico, o das mãos de oiro,  
esse que a remar não se cansa muito  
e olha tão depressa

tal se fosse de moto a singrar  
no Tejo até à foz, do céu suspenso  
por um fio de voz, vindo do imenso  
cintil azul do mar.

Na sombra, Cesariny d'alto porte,  
agora dá mais luz, arde a cidade,  
em poesia, amor e liberdade,  
até matar a morte.

### **OLGA COVAL (A Erc Josamu Jove – Manuel de Castro)**

Nós os intocáveis, os imundos, recusamos  
nossa vida à condição comum.  
porque é intemporal a rosa que nos leva  
entre o dia e a noite.

Nós os derrotados, impuros, oferecemos  
nossa miséria a um significado  
oculto e diferente –

asa branca na varanda  
nome escrito nos telhados  
estrada atravessando a terra de ninguém

Nós os últimos dos últimos coroamos  
impérios e jardins

**CATARINA MATOS (Metamorfose – António Barahona)**

Mulher de corpo de lezíria  
de pálpebras iluminadas  
minha caixa de vitrais  
cheia de fogos-fátuos  
minha fonte de pedrarias  
meu cisne  
Mulher no inferno cercada de antílopes fumegantes  
estátua de ferro em brasa  
até ao joelho na lava  
Mulher minha loucura bordada a tinta de escrever  
meu túnel de humidade minha cratera de cio  
nome de roseira  
nome de carpa  
nome de canoa oceânica minha constelação  
minha estrela sombria cor de cereja  
caída do outono para a boca minha  
Mulher  
meu riso de água potável minha cascata de leite  
minha gaivota de camisola branca minha febre  
meu violino com as pupilas em chamas  
Mulher à chuva envolta num lençol de vinho  
apanhando um a um  
os cães de patas trémulas e latidos de ave  
os cães torrões de açúcar de língua de rubi  
os cães de olhos de bondade  
no alcatrão junto dos pés de trigo de Gina  
minha colher de pétalas na chávena de búzio  
meu substantivo meu advérbio de café  
numa plantação de tabaco  
meu pântano de arroz transparente  
minha vela de estai no Cabo Horn  
minha Mulher de tentáculos minha tainha  
minha savana meu plágio de Vénus  
na boca um do outro é que morremos  
meu Amor  
minha porta de neve com fechaduras quentes  
minha cabra de safira  
minha Mãe

**LURDES TELMO (Rêve Oublié - António Maria Lisboa)**

Neste meu hábito surpreendente de te trazer de costas  
neste meu desejo irreflectido de te possuir num trampolim  
nesta minha mania de te dar o que tu gostas  
e depois esquecer-me irremediavelmente de ti

Agora na superfície da luz a procurar a sombra  
agora encostado ao vidro a sonhar a terra



agora a oferecer-te um elefante com uma linda tromba  
e depois matar-te e dar-te vida eterna

Continuar a dar tiros e modificar a posição dos astros  
continuar a viver até cristalizar entre neve  
continuar a contar a lenda duma princesa sueca  
e depois fechar a porta para tremermos de medo

Contar a vida pelos dedos e perdê-los  
contar um a um os teus cabelos e seguir a estrada  
contar as ondas do mar e descobrir-lhes o brilho  
e depois contar um a um os teus dedos de fada

Abrir-se a janela para entrarem estrelas  
abrir-se a luz para entrarem olhos  
abrir-se o tecto para cair um garfo no centro da sala  
e depois ruidosa uma dentadura velha  
E no CIMO disto tudo uma montanha de ouro

E no FIM disto tudo um Azul-de-Prata.

### **RUI AMADO (Nobilíssima Visão – O Cangalheiro da Cidade, Requem pelos corpos penados mais em destaque no cemitério ulissiponense - Delfim da Costa)**

É um Jazigo-Frigorífico. Chama-se Café Gelo e está situado perto dos urinóis do Rossio. (...) Neste jazigo é obrigatório dizer mal de todos os mortos à excepção do Cesariny. De cinco em cinco minutos, Cesariny queixa-se que França é larápio, porque lhe roubou a ideia de ter ido a Paris cheirar o rabo do Breton. Diz que quando lá chegou o rabo do Breton já estava tão cheirado pelo França que mesmo muito espremido não conseguiu arrancar-lhe o mais pequeno traque de surrealismo para trazer para Portugal. Quando chegou a Lisboa já António Pedro implantara o Surrealismo Minhoto que mais tarde degenerou no Teatro Experimental do Porto que com todas as “beleidades se propõe lebar à rivalta as mais velas ovras do tavelado universal”. Perante este novo fracasso Cesariny, ultra-romântico, congeminou o surrealismo-maroto, que por sua vez degenerou num picto-furúnculo feito com cuspo, caca e ramela. De momento sobre este jazigo não há mais nada a dizer a menos que qualquer dos esqueletos subalternos bata o pé a Cesariny e resolva tornar-se conhecido.  
(...)

### **II VANDA ECM (Alguma coisa onde tu parada – António José Forte)**

Alguma coisa onde tu parada  
fosses depois das lágrimas uma ilha,  
e eu chegasse para dizer-te adeus  
de repente na curva duma estrada

alguma coisa onde a tua mão  
escrevesse cartas para chover  
e eu partisse a fumar  
e o fumo fosse para se ler

alguma coisa onde tu ao norte  
beijasses nos olhos os navios

e eu rasgasse o teu retrato  
para vê-lo passar na direcção dos rios

alguma coisa onde tu corresses  
numa rua com portas para o mar  
e eu morresse  
para ouvir-te sonhar

II

**OLGA COVAL (Ode doméstica – Mário Cesariny)**

tudo no teu sorriso diz  
que só te falta um pretexto  
para seres feliz

uma querela talvez chegasse  
ou um pequeno pastor que passasse  
na estrada, com suas ovelhas

um riso, um pormenor  
que no momento se pousasse  
e o tornasse melhor

eu  
vou pensando em coisas velhas  
- sem sombra de desdém!-  
na vida  
naquele lampejo fugace  
que o teu sorriso já não tem  
e que é do passado  
porque a nossa grande sabedoria  
não soube tratar ente tão delicado

e declina, o dia  
o pequeno pastor já não vem

**CATARINA MATOS (Pastelaria – Mário Cesariny Vasconcelos)**

Afinal o que importa não é a literatura  
nem a crítica de arte nem a câmara escura

Afinal o que importa não é bem o negócio  
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio

Afinal o que importa não é ser novo e galante  
- ele há tanta maneira de compor uma estante!

Afinal o que importa é não ter medo: fechar os olhos frente ao precipício  
e cair verticalmente no vício

Não é verdade, rapaz? E amanhã há bola  
antes de haver cinema madame blanche e parola

Que afinal o que importa não é haver gente com fome  
porque assim como assim ainda há muita gente que come

Que afinal o que importa é não ter medo  
de chamar o gerente e dizer muito alto ao pé de muita gente:  
Gerente! Este leite está azedo!

Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo  
à saída da pastelaria, e lá fora - ah, lá fora! - rir de tudo

No riso admirável de quem sabe e gosta  
ter lavados e muitos dentes brancos à mostra

### **LURDES TELMO (Voz numa Pedra – Mário Cesariny)**

Não adoro o passado  
não sou três vezes mestre  
não combinei nada com as furnas  
não é para isso que eu cá ando  
decerto vi Osíris porém chamava-se ele nessa altura Luiz  
decerto fui com Ísis mas disse-lhe eu que me chamava João  
nenhuma nenhuma palavra está completa  
nem mesmo em alemão que as tem tão grandes  
assim também eu nunca te direi o que sei  
a não ser pelo arco e flecha negro e azul do vento

Não digo como o outro: sei que não sei nada  
sei muito bem que soube sempre umas coisas  
que isso pesa  
que lanço os turbilhões e vejo o arco íris  
acreditando ser ele o agente supremo  
do coração do mundo  
vaso de liberdade expurgada do mênstruo  
rosa viva diante dos nossos olhos  
Ainda longe longe a cidade futura  
onde “a poesia não mais ritmará a acção  
porque caminhará adiante dela”  
Os pregadores de morte vão acabar?  
Os segadores do amor vão acabar?  
A tortura dos olhos vai acabar?  
Passa-me então aquele canivete  
porque há imenso que começar a podar  
passa não me olhes como se olha um bruxo  
detentor do milagre da verdade  
“a machadada e o propósito de não sacrificar-se não constituirão ao sol coisa  
nenhuma”  
nada está escrito afinal

### **RUI AMADO (Azuliente – António José Forte)**

Este poema  
começa com um homem de tronco nu  
à sua mesa de trabalho e hiante  
a esta hora em que de oriente a ocidente  
se acendem lâmpadas trémulas e bárbaras e ferozes  
e o mar é o teu nome a esta hora pétala a pétala

em que subirei de avião para ir beijar-te os olhos  
e ver no meio do deserto o único  
o magnífico devorador de rosas a comer um pão  
enquanto do Oceano resta apenas  
o silêncio de uma lágrima caindo nos joelhos de uma criança  
Espera-me onde um nome há no Ar escrito com saliva azul  
com raiva azul  
como a urina violenta dos amantes  
com a sua flor azul à superfície onde crepita a morte

Choverá muito eu sei choverá muito  
e não porei uma pedra branca sobre o assunto digo  
sobre o tremor de terra em que tu danças  
na tua roda de cigarros cada vez mais depressa cada vez mais depressa  
e lento o peixe de plumas de águia letra a letra  
dá a volta ao mundo dos teus olhos  
enquanto a dentadura cintilante pronuncia o grande uivo  
de oriente a ocidente

Certas palavras muito duras quando a noite cai  
não devem ter outra origem sabem tão bem quanto eu  
porque agora a lava das lágrimas ao crepúsculo  
são as rosas com que o poeta fala  
à multidão em volta do crocodilo o animal repugnante  
de costas para a luz contra o grande uivo:  
de oriente a ocidente a mesma flor podre o estado  
os segredos de estado as razões de estado a segurança do estado  
o terrorismo de estado os crimes contra o estado  
e o equilíbrio do terror  
de oriente a ocidente meu amor de oriente a ocidente

Digo não Eu digo não  
digo o teu nome que diz não

No entanto às portas da cidade e ao pé de cada árvore  
à espera que tu chegues ou passes simplesmente  
estão os grandes do império com o chapéu na mão para cumprimentar-te  
Então passas tu com a lua no peito  
dividindo distribuindo os alimentos  
passas tu devagar atirando as moedas  
que os dias não aceitam e gastamos depressa  
noite mil e uma noites de quem espera  
Meu amor países pátrias têm todos um nome  
de letras imundas que não é para escrever  
Se ainda podes ouvir o búzio da infância  
ouvirás com certeza o sinal de partir

No comboio multicolor sobre carris ferozes e azuis  
que há mil anos dá a volta ao mundo  
sou eu o homem que viaja nu porque eu sou  
o arco-íris e a rosa no trapézio  
e tu toda a paisagem que atravesso  
como se fosse de bicicleta  
como se fosse sílaba a sílaba  
a primeira frase da terra  
tu com as tuas luvas de amianto ao lado do vulcão  
com a tua máscara de olhar a aurora boreal



de me olhares para sempre nua eu a tempestade  
de coração a coração

Roda sórdida da razão cínica e canto de galos  
depenados vivos que cantam nos intervalos da morte  
no meu livro de horas deste século  
está escrito que o homem livre fará o seu aparecimento  
sob a forma de um cometa de cauda fascinante  
que arrastará os amorosos até ao centro do mundo  
donde partirão na rosa-dos-ventos e este será o sinal

### **VANDA ECM (Reunião conspirativa – Carlos Loures)**

Chez revolucionário de lareira,  
cada coisa está no seu lugar:  
Lenine na estante,  
uísque na garrafeira.  
Nas paredes é uma festa:  
Mondrian, Utrillo e Leonardo  
(em boas molduras de aço anodizado),  
submetem-se ao poster;  
«Che» preside,  
com os cabelos ao vento da Baía  
e a boina guerrilheira.  
(Cá em baixo,  
ao nível da alcatifa,  
o Zeca chora a morte da ceifeira.  
Come-se aperitivos de importação  
e (presença da cultura popular)  
pastéis de bacalhau.

Entre um cigarro americano  
e uma (oportuna) citação  
do presidente Mao,  
a anfitriã cala o Zeca  
e liga a televisão.

### **OLGA COVAL (Cada poema, cada desenho – Cruzeiro Seixas)**

### **CATARINA MATOS (Poema Livre – Mário Henrique-Leiria)**

### **LURDES TELMO (Uma Certa Quantidade – Mário Cesariny)**

Uma certa quantidade de gente à procura  
de gente à procura duma certa quantidade  
Soma:  
uma paisagem extremamente à procura  
o problema da luz (adrede ligado ao problema da vergonha)  
e o problema do quarto-atelier-avião

Entretanto  
e justamente quando  
já não eram precisos

apareceram os poetas à procura  
e a querer multiplicar tudo por dez  
má raça que eles têm  
ou muito inteligentes ou muito estúpidos  
pois uma e outra coisa eles são  
Jesus Aristóteles Platão  
abrem o mapa:  
dói aqui  
dói acolá

E resulta que também estes andavam à procura  
duma certa quantidade de gente  
que saía à procura mas por outras bandas  
bandas que por seu turno também procuravam imenso  
um jeito certo de andar à procura deles  
visto todos buscarem quem andasse  
incautamente por ali a procurar

Que susto se de repente alguém a sério encontrasse  
que certo se esse alguém fosse um adolescente  
como se é uma nuvem um atelier um astro

### **RUI AMADO (Um gato partiu à aventura – Henrique Risques Pereira)**

As palavras de vidro que tu depões em teus seios, para me ofereceres, raspam  
estridentes na camada imarcescível dos meus olhos;  
Caem e eu sonho para espalhar plumas nos espaços;  
Trago na mão esquerda, hermética, fechada duramente, as delicadas linhas  
epidérmicas, Leio nesse rendilhado de sensações o roteiro da minha viagem  
livre, o meu voo solitário, que eu inicio saltando dos telhados  
para as janelas;  
É na abstracção hipnótica do rosa íris que eu te vejo acompanhar  
a estranha aventura dum albatroz,  
e é ao cair da noite que eu aceno longamente os meus braços;  
É na harmoniosa vibração azul que eu transmito o Sol vermelho  
do poente e da tristeza,  
e, quando as minhas mãos se transformam em pérolas puras, os  
teus olhos gelam para serem os gigantes e a noite;  
Livre um gato desliza pela goteira escura da cidade,  
livre uma pequena ilha nasce no ponto ignorado do Oceano,  
livres as ondas escorregam na superfície marinha,  
livres os pássaros e os cavalos na noite da lua encantada,  
livre eu chamo-te dos cumes das serras,  
livres as ondas os cavalos e os pássaros;  
Abandono a terra da ilha para viver nos abismos, nas cidades  
que crescem, nos beijos que enchem o vento,  
e oiço a imensa máquina que esmaga o ferro da estrada construída, a cortina  
sedosa dos teus cabelos, eu e tu,  
e vejo o cego que avança com os braços levantados para o mundo  
incompreensível, e liberta os corpos visíveis: os teus lábios, os teus seios,  
o teu sexo;  
e mães batem às janelas e imploram: LAMA!;  
A um canto morre em agonia o primeiro grito;  
O gato parte à aventura pelos telhados, pelos vales e pelos Sonhos.

#### **IV**

#### **VANDA ECM (Pêndulo – Manuel de Castro)**

#### **OLGA COVAL (Os bois e os livros – António José Forte)**

Os bois não sabem ler e também não fingem que sabem.

É por isso que nunca ninguém viu nenhum boi com um livro debaixo do braço. Mas há gente que tem a mania de ligar os bois aos livros. Ouve-se às vezes dizer: aquele não conhece uma letra nem do tamanho dum boi. E um filósofo alemão, que usava uns enormes bigodes, afirmou certo dia que ler, ler bem, era verdadeiramente uma ruminação, que é o que os bois fazem depois de introduzir a comida na boca. E que é o que não faz a maioria dos que não são bois, isto é, os homens que lêem livros. Os bois não sabem ler e não gostam nem de comer livros, esta é a verdade. Por isso andam a puxar carros de bois, a puxar charruas, e quando vão às touradas andam a correr de um lado para o outro às marradas.

Os homens que sabem ler, mesmo mal, que andam atrás ou à frente dos bois, conforme as circunstâncias, e que não vêem um boi doutra coisa chamam-se ribatejanos. Os meninos, a quem são dirigidas estas palavras de muita sabedoria, não devem imitar o analfabetismo dos bois nem os homens que andam atrás ou à frente deles. Não andar nunca á frente dos bois porque podem tropeçar e cair e serem pisados pelos bois, não andar atrás porque pode levar com os rabos dos bois na cara e, como já sabem ler, não querem com certeza voltar a ser analfabetos.

Numa coisa, porém, devem imitar sempre os bois: na ruminação. E isto quer dizer: ler, ler bem, ler com os olhos e com o pensamento.

#### **CATARINA MATOS (Criptograma – Manuel de Castro)**

#### **LURDES TELMO (Um Grande Utensílio de Amor - Mário Cesariny)**

um grande utensílio de amor  
meia laranja de alegria  
dez toneladas de suor  
um minuto de geometria

quatro rimas sem coração  
dois desastres sem novidade  
um preto que vai para o sertão  
um branco que vem à cidade

uma meia-tinta no sol  
cinco dias de angústia no foro  
o cigarro a descer o paiol  
a trepanação do touro

mil bocas a ver e a contar  
uma altura de fazer turismo  
um arranha-céus a reparar  
meia-quarta de cristianismo

uma prancha sem porta sem escada  
um grifo nas linhas da mão  
uma Ibéria muito desgraçada  
um Rossio de solidão

## **RUI AMADO (O Pé – Nicolau Saião)**

Em todos os lugares, é  
sempre pé: pé de mundo  
pé de mando, pé de mar. Sem par  
é pé de coxo. Pé  
parado. Morto em pé.  
Por vezes  
os pés desaparecem  
durante anos: esconderam-nos  
em claustros, chaminés, prisões.  
O pé no fundo  
é estranho: de noite  
parece um ser solar. Um pé  
sem perna já foi mais frequente do que pensam.  
Um pé de casa é uma vírgula posta  
entre o campo e as estrelas. Um pé arabesco  
é um pé a cavalo. E um pé que se preza  
ama a liberdade. De contrário é pé chato  
pé de planeta aziago.  
Um pé sem suor é pé desafinado.  
Lagosta, pé carregado  
O pé costuma ver (o pé tem sorte)  
o começo da vida, ou o fim do corpo:  
ir de pés para a frente  
fazendo finca-pé  
à própria morte.  
O pé de flor vive em todo o lado.  
Planta de pé é um silêncio vegetal.  
Pé de cabra é bom na magia oculta.  
O pé de cão tem horror aos polícias.  
O pé de amor é um bicho esquisito: mede  
os outros pelo seu tamanho – pé universal  
Pé ou mão? Doce animal  
dentro do coração.

## **V**

### **VANDA ECM (In Pátria Minha - António Barahona)**

E Ginsberg que procurou um psiquiatra  
porque vira William Blake de chapéu na cabeça  
(familiar coincidência: já Swedenborg  
via Anjos de chapéu)  
acenou-me em cabelo tântrico  
calvo barbudo patriarca judeu  
«religioso meditabundo»  
a estudar Plotino, Poe, S. João da Cruz,  
telepatia e bop kaballa no Kansas  
de braço dado com Gregory Corso em cuecas  
que dava o braço a Milton abraçado a Ezra Pound  
todos a comer hamburguers «fundamento corporal»  
tatuagens long-play pedrarias e pulgas  
e a gritar por Carl Solomon às portas de Rockland  
o maior hospício de loucos de toda a América do Norte  
tornada, entretanto, no maior hospício do mundo:

— «Como é que alguém pode viver na América fóra de uma casa de doentes mentais?», Ezra dixit  
E Ginsberg confirma: «Vi os melhores espíritos da minha geração destruídos pela loucura, morrendo à fome histéricos nus»

e eu confirmo a mesma coisa por cá:  
era inexactamente um grupo  
Bebia-se muito brandy  
o sangue podia beber-se à vontade:  
bastava cortar as veias às mulheres que se aproximavam  
E os que não morreram, não enlouqueceram ou não se suicidaram  
como o meu amigo João Rodrigues da janela dum quinto andar  
(gato branco caiu de pé)  
e os que não traíram,  
tornaram-se clérigos visionários  
de técnicas amorosas, combativas, mágicas:  
geração de malditos bem-aventurados  
que, como disse Manuel de Castro,  
«coroam impérios e jardins».

### **OLGA COVAL (Uma vida de cão – Alexandre O'Neill)**

Não  
não é a poesia caixa de música  
ou a poesia piolho místico enterrado no sebo destes dias  
ou qualquer outra  
que podem dissolver a tua alma  
tão problemática  
no vinho da beatitude  
Ah  
o «mistério» da poesia a poesia  
técnica da confusão  
a capelista poética e os primeiros fregueses  
ainda a medo ainda receosos  
de te pedirem a Dor em alfinetes que não tenhas  
logo ali à mão  
E quando dizes «Poesia» eu tenho nojo  
aquele nojo violento que me dá  
o olhar furtivo a atenção desatenta  
dos que se demoram nos lavabos nas salas dos cinemas  
de mãos distraídas procurando  
a solução da noite  
Instalaram-se em ti  
a mesma contracção suspeita  
a mesma hipocrisia o mesmo sobressalto  
a mesma curva obscena  
que o olhar descreve  
goza  
e disfarça  
Quando dizes «Poesia» dizes medo  
dizes família tradição classe  
e a vida de cão que te esperava  
e que é hoje a tua vida a tua «transcendente»  
vida de cão



\*

Ensinaram-te palavras que pareciam  
prontas a derrotar quem as ouvisse  
ensinaram-te gestos para elas  
e a tal ponto te humilharam  
que te puseram de pé  
limpo  
inteligente  
e aprumado  
Pronto a seguir  
seguiste  
e agora estás aqui  
estás aqui pois claro  
angustiado e iludido  
mas deliciado

\*

Atá aos últimos arcanos  
cafés e leitarias  
seguiste André Breton  
ou a sombra dele  
e a aventura mental que procurava  
um sinal exterior  
um estilhaço vivo do acaso  
a Nadja lisboeta que salvasse  
ou a noite ou a vida  
acabou em «bons» poemas «maus» poemas  
em palavras e palavras  
E coberto de palavras enterrado  
numa terra de murmúrios de gemidos  
teu coração já nada faz mover  
senão moinhos de palavras  
e «a dor é grande» dizes tu  
«mas sublime»

\*

Mas não sou eu que te lamento  
Os teus mitos esperam-te  
já impacientes  
Agora põe-te a andar  
agora passa por cá daqui a uns anos  
Talvez me encontres  
talvez possa fazer qualquer coisa por ti  
qualquer coisa simples  
quase inútil  
quase ridícula  
    oferecer-te uma sílaba  
    um conselho  
    um cigarro

### **CATARINA MATOS (You are welcome to Elsinore - Mário Cesariny)**

Entre nós e as palavras há metal fundente

entre nós e as palavras há hélices que andam  
e podem dar-nos a morte violar-nos tirar  
do mais fundo de nós o mais útil segredo

entre nós e as palavras há perfis ardentes  
espaços cheios de gente de costas  
altas flores venenosas  
portas por abrir  
e escadas e ponteiros e crianças sentadas  
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos  
há palavras de vida há palavras de morte  
há palavras imensas, que esperam por nós  
e outras, frágeis, que deixaram de esperar  
há palavras acesas como barcos  
e há palavras homens, palavras que guardam  
o seu segredo e a sua posição  
Entre nós e as palavras, surdamente,  
as mãos e as paredes de Elsenor  
E há palavras nocturnas palavras gemidos  
palavras que nos sobem ilegíveis à boca  
palavras diamantes palavras nunca escritas  
palavras impossíveis de escrever  
por não termos connosco cordas de violinos  
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar  
e os braços dos amantes escrevem muito alto  
muito além do azul onde oxidados morrem  
palavras maternais só sombra só soluço  
só espasmos só amor só solidão desfeita  
Entre nós e as palavras, os emparedados  
E entre nós e as palavras, o nosso dever fala

### **LURDES TELMO (Os Pássaros de Londres - Mário Cesariny)**

Os pássaros de Londres cantam todo o inverno  
como se o frio fosse o maior aconchego  
nos parques arrancados ao trânsito automóvel  
nas ruas da neve negra sob um céu sempre duro  
os pássaros de Londres  
falam de esplendor com que se ergue o estio  
e a lua se derrama por praças tão sem cor  
que parecem de pano em jardins germinando  
sob mantos de gelo como se gelo fora  
o linho mais bordado  
ou em casas como aquela  
onde Rimbaud comeu  
e dormiu e estendeu  
a vida desesperada  
estreita faixa amarela  
espécie de paralela  
entre o tudo e o nada  
os pássaros de Londres

quando termina o dia  
e o sol consegue um pouco  
abraçar a cidade  
à luz razante e forte  
que dura dois minutos  
nas árvores que surgem

subitamente imensas  
no ouro verde e negro  
que é sua densidade  
ou nos muros sem fim  
dos bairros deserdados  
onde não sabes não  
se vida rogo amor  
algum dia erguerão  
do pavimento cinzeo  
algum claro limite  
os pássaros de Londres  
cumprem o seu dever  
de cidadãos britânicos  
que nunca nunca viram  
os céus mediterrânicos

### **RUI AMADO**

Estou a ver que não tenho outro remédio  
Senão fazer-te mesmo madrigais (lido do livro)

(Helder Macedo)

